

LOUCURA E IMAGINÁRIO SOCIAL NA LITERATURA BRASILEIRA: PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Madness and Social Imaginary in Brazilian Literature: Passage of the nineteenth century to the twentieth century

Leandra Brasil da Cruz¹

Artigo encaminhado: 11/05/2016
Aceito para publicação: 05/07/2017

RESUMO: O presente artigo tem como principal objetivo analisar o imaginário social sobre a loucura a partir das produções literárias de autores brasileiros do final do século XIX e início do século XX. O período escolhido é o do advento do *alienismo* no Brasil, da criação do primeiro hospício brasileiro e da primeira lei de assistência aos alienados, havendo um processo de transição da visão mística e religiosa da loucura para uma visão científica. É neste contexto que se destacam as obras de Machado de Assis, Olavo Bilac e Lima Barreto que foram selecionadas para análise, que têm em comum o tema da loucura e questões afins. Sob o aspecto metodológico a pesquisa teve como base fundamental o referencial teórico da *sociologia compreensiva*, proposta por Michel Maffesoli, particularmente na *noção* de imaginário social, a partir de uma crítica ao modelo dominante da produção de conhecimento. Concluiu-se, em consonância com Antonio Candido, ser evidente a importância da literatura, assim como de outras formas de arte e cultura, para compreender o imaginário social de uma época sobre os temas em questão, da mesma forma em que a própria literatura contribui para produzi-los.

Palavras-chave: Loucura. Literatura. Imaginário Social. Institucionalização.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the social imaginary about madness as from literary productions of Brazilian authors of late nineteenth and early twentieth centuries. In the chosen period occurred the advent of *alienism* in Brazil, with the creation of the first Brazilian asylum and the first law for the assistance to the alienated, revealing a transition from a mystical and religious vision regarding insanity to a scientific one. The works of Machado de Assis, Olavo Bilac and Lima Barreto were selected for analysis

¹ Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, psicóloga, professora do curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz, leandrabil@ensp.fiocruz.br.

since they have in common the theme of insanity and related issues. The research has as fundamental basis the theoretical framework of comprehensive sociology as proposed by Michel Maffesoli, particularly in the notion of *social imaginary*, departing from a criticism of the dominant model of production of knowledge. In addition to the discussions, several fragments exemplify and enable a better vision of each one of these notions. It was concluded, in accordance with Antonio Candido, that literature as well as other forms of art and culture are highly important in order to understand the social imaginary of a historical period, in the same way as literature itself contributes to produce it.

Keywords: Insanity. Literature. Social Imaginary. Institutionalization.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o imaginário social relacionado à questão da loucura, a partir das produções literárias de autores brasileiros do final do século XIX e início do século XX. Este período foi escolhido por ter sido palco de significativas mudanças no país, tanto no cenário econômico, político e social quanto no cenário científico, este último de grande interesse para a pesquisa. Para tanto, foram selecionados três importantes autores e, de cada um deles, foram escolhidas três obras relevantes para o desenvolvimento desta análise: Machado de Assis, Olavo Bilac e Lima Barreto.

Do primeiro foi destacado *O alienista*, conto escrito no período compreendido entre o final de 1881 e início de 1882 e publicado em formato de folhetins²; e duas crônicas publicadas no periódico *A Semana*. A primeira, de setembro de 1895, trata da exposição de trabalhos feitos pelos internos do Hospício Nacional de Alienados, na qual ele pondera que é uma pena essas pessoas terem perdido o juízo, pois as suas obras, apesar de simples, possuem uma grande importância para ocupação do ócio e, como ele mesmo observa, “[...] recompor-lhes em parte os fios arrebatados da razão.” (ASSIS, 2010a, p. 308). A segunda crônica, do mesmo mês de setembro, porém de 1896, é sobre um episódio que teve grande repercussão na época, que foi a *fuga dos doidos do Hospício*. Baseado neste fato, o texto estimula a reflexão sobre a noção de normalidade/razão e anormalidade/desrazão. Antes, segundo o autor, se

² O termo vem do francês *feuilleton* que significa folha de livro, mas seu significado popular faz referência a um tipo de publicação em periódicos, cuja história, que pode ser um romance, ficção ou prosa, é contada em forma de fragmentos e sequenciada para prender a atenção do leitor.

sabia que aqueles que haviam perdido a razão estavam dentro do hospício, mas, após o evento de fuga, havia caído por terra toda aquela certeza. E Machado de Assis se pergunta: onde encontraria um “método para distinguir um louco de um homem de juízo?” (ASSIS, 2010b, p. 312).

De Olavo Bilac foram selecionadas duas crônicas da *Gazeta de Notícias* (uma de 09 de abril de 1899, iniciada com *Tem a palavra Fantasio*³, e outra, de 09 de abril de 1905, sobre as reformas do Hospício Nacional de Alienados), e uma terceira publicada na revista *Kosmos* (em fevereiro de 1905), sobre sua visita ao Pavilhão de Crianças do mesmo Hospício. Vale destacar que na seção *Semana*, da *Gazeta de Notícias*, Olavo Bilac escreveu durante muitos anos substituindo Machado de Assis.

Com história de alcoolismo, Lima Barreto foi internado no hospício por solicitação do irmão, e lá ele escreveu *Diário do Hospício* (de 1920) e *Cemitério dos vivos* (1921), obras que apresentam crítica contundente à instituição psiquiátrica. De Lima Barreto será analisado ainda *Como o homem chegou* (1914), conto que relata um insólito traslado terrestre de um suposto louco de Manaus ao Rio de Janeiro. É interessante observar que este conto foi escrito seis anos antes da primeira internação do autor, o que demonstra que o interesse de Lima Barreto pela loucura e pelas instituições psiquiátricas já vinha de antes, talvez até pelo fato de seu pai ter sido funcionário da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, na qual ele residiu uma parte de sua infância.

A definição do período-alvo deste trabalho teve como base uma série de mudanças importantes que ocorreram na época em vários âmbitos. Mas, para o caso específico do tema pesquisado, merecem destaque a criação do primeiro hospício brasileiro (o Hospício de Pedro II e sua posterior transformação em Hospício Nacional de Alienados); a ocorrência de uma inflexão importante, que veio com a proclamada cientificidade do *alienismo* (a passagem de um modelo religioso e sobrenatural para uma visão científica); a criação da Assistência Médico-legal aos Alienados; o advento da lei nº 1.132 (primeira lei brasileira de assistência aos alienados) e a gestão, de 1903 a 1930 do grande alienista Juliano Moreira, à frente do Hospício e da Assistência, considerado a maior referência histórica da psiquiatria brasileira. Tais acontecimentos produziram repercussões que estimularam as produções literárias ora analisadas.

A noção de imaginário social proposta por Michel Maffesoli foi fundamental para esta análise, seguindo a concepção de que o conhecimento pode nos conduzir para

³ Esta crônica, por não ter título, será referida, neste trabalho, com a frase que se inicia, ou seja, *Tem a palavra Fantasio*.

caminhos muito mais inclusivos e compreensivos do que a visão cartesiana da ciência. A sua *sociologia compreensiva*, certamente, é de suma importância para a percepção de um imaginário que é indissociável do real e que contribuirá para entender a literatura como parte constituinte da realidade.

1.1 DA MONARQUIA À REPÚBLICA: Breves notas sobre a época e a passagem de uma visão mística e religiosa para uma visão científica e moderna da loucura

Principalmente após a independência do Brasil, em 1822, passaram a merecer expressão os movimentos antimonarquistas. Com o retorno do imperador D. Pedro I para Portugal, deixando aqui parte da família real, inclusive seu filho herdeiro do trono, existiram muitas resistências, conflitos e insurreições que, a exemplo da Europa pós-Revolução Francesa, desejavam instaurar a república. Com a oposição exigindo um estado republicano, foi necessário acelerar a sagração do jovem herdeiro, que na época contava apenas 14 anos. Alterada a Lei da Maioridade para possibilitar a sagração (o que significava dizer, no contexto da concepção monarquista, que se tratava de um ato abençoado pela proteção divina), o novo imperador Pedro II marcou a data de 18 de julho de 1841, dentre outros primeiros atos, com a criação de um hospício através do decreto n. 82. Qual poderia ser o significado deste ato tão peculiar, ou seja, criar um hospício na data de sagração de um imperador? Muito possivelmente o de transmitir à sociedade brasileira a dimensão de que algo moderno estava acontecendo. Algo de caráter científico, já que o primeiro hospício fora criado como um dos desdobramentos da Revolução Francesa e simbolizava o domínio da ciência sobre a religião, a metafísica, as concepções mágicas e místicas sobre a loucura e outros aspectos da vida cotidiana. A transformação do hospital de caridade em uma instituição médica na França, de acordo com Castel (1978), tinha também este significado de superação da lógica mística e sobrenatural acerca da doença e demais dimensões da vida. A loucura passaria a ser vista, predominantemente, não mais como algo da fatalidade, do designo místico, divino e espiritual, mas como algo que seria compreensível e tratável no âmbito da ciência.

O Hospício de Pedro II (HP II) só foi inaugurado em 1852, como um marco de modernização de um Estado que, embora monárquico, pretendia mostrar-se progressista. Construído na Praia da Saudade, hoje denominada Praia Vermelha, o HP II simbolizava um ideal de modernidade. Afinal, logo após a assinatura do decreto

de sua criação, foram enviados médicos à Europa para que pudessem conhecer não apenas os modernos métodos de *tratamento moral*, mas também todos os princípios administrativos e as funcionalidades arquitetônicas, uma vez que o próprio Philippe Pinel considerava que os hospitais psiquiátricos teriam, por si só, uma função terapêutica (PINEL, 1988 [1801]).

No entanto, o período que vai da criação do HPII até a Proclamação da República foi marcado por inúmeras críticas dos médicos à instituição. Dentre estes médicos, destaca-se João Carlos Teixeira Brandão (1886), que, junto com Juliano Moreira, é considerado um dos fundadores da psiquiatria brasileira. Uma de suas críticas referia-se à ausência de médicos na direção do Hospício e, em consequência, à inexistência de um caráter científico e terapêutico no trabalho lá desenvolvido. Teixeira Brandão liderava uma reivindicação de que os médicos é que deveriam assumir a administração do hospício. Ou seja, o poder institucional que se encontrava nas mãos da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro deveria ser assumido pelos médicos.

Machado de Assis parece captar a atmosfera de mudanças que estavam ocorrendo no cenário nacional e, no final do ano de 1881, início de 1882, ou seja, trinta anos após a inauguração do Hospício, escreveu *O alienista*, uma das maiores críticas literárias não apenas ao alienismo e à psiquiatria, mas ao positivismo da ciência e ao saber médico. Nele, a verdade do recém-criado *alienismo* é colocada em questão de modo marcante, realizando muitas reflexões críticas que ainda são bastante atuais.

Machado produziu outras obras, contos e romances que destacaram a questão da loucura e aspectos psicológicos das personagens, além de algumas crônicas sobre fatos relacionados ao Hospício e à alienação, conforme explicitado anteriormente, dentre as quais as duas selecionadas.

Em 11 de janeiro de 1890, o HPII - que, pelo decreto n. 82, fora anexado à Santa Casa da Misericórdia - foi desta desanexado pelo decreto 142-A, passando a denominar-se Hospício Nacional de Alienados. Tal medida procurava destacar a transformação do Estado, de monárquico a republicano. O provedor da Santa Casa foi exonerado e para a direção do Hospício, foi nomeado Teixeira Brandão, o mais contundente crítico da instituição em sua fase de domínio religioso. As irmãs e irmãos de caridade foram dispensados do serviço nas enfermarias e para seu trabalho foram contratadas enfermeiras profissionais; foram criadas a Assistência Médico-legal aos Alienados, primeiro órgão nacional de normatização e regulação da assistência,

também dirigida por Teixeira Brandão, e as primeiras Colônias de Alienados, ampliando assim a oferta de vagas em instituições psiquiátricas.

Teixeira Brandão, agora diretor do Hospício Nacional e da Assistência Médico-legal, terá seu trabalho de reformas e inovações continuado por Juliano Moreira, nomeado em 1903 para a direção do Hospício e da Assistência. Neste mesmo ano foi promulgada a primeira lei de assistência psiquiátrica (Lei 1.132 de 22 de dezembro 1903), que ficou conhecida como Lei Juliano Moreira.

Juliano Moreira permaneceu na direção do Hospício até 1930, quando foi destituído pelo Governo Provisório de Vargas. Ficou conhecido como mestre da psiquiatria brasileira, sendo responsável por introduzir, de acordo com Portocarrero (2002), uma descontinuidade na psiquiatria brasileira, representada pela escola psiquiátrica alemã liderada por Emil Kraepelin. Para Portocarrero (2002), foi Moreira quem, de fato, introduziu um discurso psiquiátrico de cunho científico, cuja base rompia com aquela anterior, de tradição pineliana, tal como proposta em nosso meio por Teixeira Brandão, que, apesar das críticas e questionamentos ao hospital dirigido por religiosos, possuiria um referencial de base predominantemente filosófica. É no contexto da gestão de Moreira que surgem as crônicas relacionadas à duas visitas de Olavo Bilac ao Hospício Nacional: uma, referente ao Pavilhão Bourneville, a secção de crianças, publicada em 15 de fevereiro de 1905 na revista *Kosmos*; e outra publicada na *Gazeta de Notícias*, sem título, em 09 de abril de 1905, sobre uma visita geral a todas as instalações e projetos de reforma do Hospício. Uma terceira crônica, *Tem a palavra Fantasio*, também publicada na *Gazeta de Notícias*, de 09 de abril de 1899, portanto cronologicamente anterior às demais, trata do encontro de um personagem fictício com Erasmo de Rotterdam, sobre os custos das diárias do Hospício e sobre questões referentes à loucura.

Outro fato relevante ocorrido durante longa gestão de Juliano Moreira foi a internação de Lima Barreto no Hospício. O autor – que conheceu o então jovem médico bem de perto – publicou várias crônicas, romances e um diário que tratam da questão da loucura. Sua obra é repleta de críticas aos hospícios, à institucionalização, ao poder/saber médico, à ciência e à sociedade.

Nos livros *Diário de um hospício* (de 1920) e *O cemitério dos vivos* (1921), Lima Barreto relata não apenas o cotidiano de uma instituição psiquiátrica, mas uma espécie de morte social do internado, com a invalidação dos seus desejos e suades-historicização. Além destes livros foi analisado também o conto: *Como o homem chegou*.

O período compreendido entre a inauguração do Hospício Nacional de Alienados e o término da gestão de Juliano Moreira foi fortemente marcado pelo crescimento de uma ciência positivista que estava atrelada, paradoxalmente, ao ideal de modernidade introduzido pela república.

2 OBSERVAÇÕES SOBRE O MÉTODO E AS NOÇÕES UTILIZADAS NA ANÁLISE

2.1 Sobre os Conceitos de Loucura, Alienação, Doença Mental e Transtorno Mental

Como se sabe, o termo loucura é genérico. Trata-se de uma categoria do senso comum que se refere a um conjunto muito amplo de experiências, percepções, sentimentos, concepções que indicam algo sobre o qual se tem pouca explicação razoável, que é diferente, estranho, exorbitante e assim por diante. Ainda hoje se utiliza a expressão loucura, principalmente para demarcar que seu entendimento transcende a mera concepção de doença mental. Por este e outros motivos é que Michel Foucault (1978) escreveu uma *História da loucura*, e não uma história da psiquiatria ou da doença mental.

Philippe Pinel é considerado o precursor da psiquiatria, por ter fundado o *alienismo*, conceito oficial utilizado no âmbito da ciência e das políticas públicas quando Machado de Assis escreveu *O alienista*. Mas a contribuição de Pinel logo viria a ser contestada, pelo fato do alienismo ser considerado uma ciência moral e não empírica. A psiquiatria precisava de fundamento científico para ser validada. Após a descoberta de um substrato orgânico para a sífilis cerebral, considerada uma das espécies de doença mental, a psiquiatria se voltou para a pesquisa das causas orgânicas e o alienismo pineliano logo se tornaria superado. Simultaneamente, a sede das novas pesquisas e produção de conhecimentos mais modernos deixava de ser a França e se deslocava para a Alemanha, onde Emil Kraepelin se destacava como o pai da psiquiatria moderna, “com base na medicina *científica*” (PORTOCARRERO, 2002, p. 14). Como consequência, com o tempo, o conceito de alienação deu lugar ao de doença mental, ainda hoje muito adotado no âmbito do senso comum e mesmo em muitos textos psiquiátricos e de políticas públicas. Apenas muito recentemente a expressão doença mental passou a ser questionada. A lei nº 10.216/2001, denominada Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira, utiliza esta expressão e a Classificação Internacional dos Transtornos Mentais da Organização Mundial da

Saúde (OMS), mas não é raro que na literatura da área seja encontrada a expressão *doença*.

2.2 Sobre Literatura

As relações entre arte, literatura, sociedade e política sempre foram objeto de reflexão dos cientistas sociais, filósofos, psicólogos e artistas, dentre outros. As inúmeras possibilidades identificadas apontam para a complexidade destas relações, que não são nada fáceis nem redutíveis a uma ou duas conclusões. Antonio Candido, em um ensaio que já se tornou clássico sobre a literatura e a vida social discute, entre outras questões, as várias reduções esquemáticas que se constituíram como formas simplistas de significar um fato literário. Em seu entendimento, isto acabou resultando no descrédito das orientações sociológicas e psicológicas que eram instrumentos utilizados para tais interpretações. Embora considere inútil lembrar esses esquemas, o autor apresenta alguns exemplos que vale a pena reproduzir, como: “Dai-me o meio e raça, eu vos darei a obra”; ou: “‘Sendo o talento e o gênio formas especiais de desequilíbrio, a obra constitui essencialmente um sintoma’.” (CANDIDO, 2000, p. 17). O autor alerta para a visão de que a sociologia é uma disciplina que vai auxiliar no esclarecimento de alguns aspectos do fenômeno artístico e literário, mas não explicá-los. Sendo assim, Candido propôs duas perguntas sobre as relações estabelecidas entre arte e sociedade. A primeira é: “Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?”. E a segunda, que, de acordo com o autor, deveria surgir imediatamente após a primeira é: “Qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CANDIDO, 2000, p. 18).

Candido parte do princípio de que “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (CANDIDO, 2000, p. 20), e que a proposição simultânea ou interligada das perguntas anteriores poderia aproximar-nos de uma *interpretação dialética*, que seria o caminho a ser trilhado por quem se dedica a tal questão. O foco principal do estudo do autor diz respeito às possíveis influências do meio sobre a obra e que podem ter duas respostas tradicionais, que devem ser afastadas numa pesquisa como esta. Para ele: “A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais.” (CANDIDO, 2000, p. 18). Tais perguntas devem ser evitadas na atualidade porque são óbvias, mas nem sempre foi assim. Em relação à literatura isso só começou a ser visto no século XVIII: “Talvez tenha sido Madame de Staël, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a

literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.” (CANDIDO, 2000, p. 18-19).

Outra tendência é a de se analisar o conteúdo social das obras “[...] geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor” (CANDIDO, 2000, p. 19). Ambas as tendências foram importantes para o sociólogo moderno, por mostrar que a arte é social nos dois sentidos. O autor define como um processo a produção da arte e, portanto, não é conveniente fazer uma separação entre a realização da obra e a repercussão desta. Segundo esta concepção, a arte não é apenas transmissora de conceitos, mas “[...] expressão de realidades profundamente radicadas no artista” (CANDIDO, 2000, p.20). Mesmo assim, há um alerta para o fato de que, por ser a arte essa *comunicação expressiva*, ela deve conter algo de mais amplo do que somente as vivências do artista.

Ewald, fundamentando-se em Peter Gay, observa que a ficção, “mesmo sendo ela *realista*, continua sendo literatura, e romances, assim como outras formas de arte, são produções estéticas” (EWALD, 2011, p. 57). Portanto, cabe realizar algumas considerações a respeito de *O alienista*, que, como já foi dito, constitui num importante referencial para o estudo da produção do imaginário social sobre a loucura e a psiquiatria. Neste conto, Machado de Assis (1981) elabora reflexões tão perspicazes e com tamanha propriedade sobre a ciência e o alienismo que grandes pesquisadores da sua obra acreditam que ele tenha se aprofundado no estudo de obras médicas sobre o assunto. Esta é uma suposição bastante plausível, dada a consistência e a riqueza de informações existentes em seus textos. Embora nada tenha sido encontrado em sua biblioteca pessoal, sabe-se que o autor era um grande frequentador de bibliotecas, especialmente do Gabinete Português de Leitura. Para Leme Lopes, um importante psiquiatra que foi catedrático da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor de *A psiquiatria de Machado de Assis*, “[...] os conhecimentos revelados em *O alienista* fazem supor que Machado de Assis teria obtido informações precisas sobre as obras dos grandes alienistas, sobretudo os franceses da primeira metade e dos meados do século XIX.” (LOPES, 1974, p. 14).

É fundamental destacar a longevidade dessa obra, que atravessou muitas décadas e se mantém extremamente atual. Tendo ou não acesso a obras científicas sobre o assunto, o certo é que Machado de Assis era um escritor extremamente perspicaz e sensível aos acontecimentos, que conseguia transmitir o que estava além

da explicação de um campo ou área do conhecimento científico. Isto é, aquilo que está para além da obra em si e que contribui para produzir novos imaginários, como veremos mais adiante ao falar sobre a noção de *imaginário social*.

2.3 Sobre Imaginário Social

A *sociologia compreensiva* de Maffesoli entende que o *conhecimento* (termo preferido por ele ao invés de *ciência*), não deve valorizar exclusivamente o que caracteriza e o que se entende por ciência, mas também os aspectos impalpáveis como o sentimento, a emoção, o imaginário. Para Nóbrega et al. (2012), trata-se de um novo paradigma nas pesquisas científicas, enquanto que para Barros (2013, p. 324) é uma tradição que propõe “desfazer a ideia de individualismo na sociedade pós-moderna”. Todas essas observações são particularmente importantes e merecem atenção especial quando transportadas para a questão do imaginário social, que é o ponto central deste artigo. Para tanto, deve-se inicialmente procurar não utilizar o termo *conceito* porque Maffesoli expressa não apenas uma preocupação com conceitos muito fechados quanto com o termo conceito, no geral. Ele observa que o termo vem do latim *concepere*, que significa fechado. E, como se estaria a viver um momento de mudança de paradigma, que ele denomina de *mudança societal*, deve-se recusar a utilização de ideias fechadas e, por tais motivos, o autor prefere utilizar noções ou metáforas: “São imagens, na verdade, que possuem um lado mais flexível, mais dinâmico e que me parecem, assim, mais conectadas com a realidade social que é, ela mesma, flexível, dinâmica, fugitiva” (MAFFESOLI, 2011, p. 522).

Maffesoli argumenta que “o criador [...] só é criador na medida em que consegue captar o que circula na sociedade.” (MAFFESOLI, 2001, p. 81). Dito de outra forma, as tecnologias não são plenamente autônomas para produzir imaginário, como algo puramente determinista. O artista, o autor, teria a sensibilidade de captar o que já existe no campo social e no imaginário e teria a mesma capacidade de reinventar e produzir novos imaginários, dando uma ideia de um processo interativo. Maffesoli observa ainda que “[...] o imaginário, certamente, funciona pela interação. Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem imaginária.” (MAFFESOLI, 2006, p. 77).

3 CONSIDERAÇÕES E COMENTÁRIOS FINAIS

Nesta pesquisa, foi possível observar como a literatura é um potente instrumento de expressão do imaginário social, assim como este imaginário pode se expressar na construção de uma obra literária. Foi com essa visão dialética, no entendimento de Antonio Candido, que se realizou a análise do material selecionado.

As considerações de Maffesoli vieram ao encontro de autores do campo da crítica ao saber psiquiátrico que há muito servem de base para estes estudos. Franco Basaglia (2005), por exemplo, enfatizava a importância de se intervir na cultura, pois assim seria possível mudar mentalidades, mudar a visão da sociedade acerca da loucura; transformar as relações sociais com a loucura. Para ele, não bastava demolir os muros dos manicômios, mas tinha que haver uma transformação cultural. E nada mais adequado que a arte, no presente caso a literatura, para propiciar esta transformação. Um exemplo pode ser dado com *O alienista*, em que, de forma contundente, o personagem dr. Simão Bacamarte exalta a visão de uma crença absoluta no poder da ciência e da instituição para o tratamento da alienação mental. O período no qual Machado de Assis escreveu este conto foi fortemente marcado por uma visão positivista, com a passagem das explicações místicas e religiosas do fenômeno da loucura, do comportamento humano e da sociedade para uma visão científica, o que foi perspicazmente captado pelo autor.

Qual seria o tamanho interesse por esse tema, já que várias obras de Machado de Assis versam sobre o assunto? Além de *O alienista* e das duas crônicas analisadas, há também muitas outras obras do autor que referenciam a loucura, dentre as quais *Três tesouros perdidos* (1858), *Frei Simão* (1864), *O recurso do hospício* (1895), *A revolta dos doidos* (1897) e ainda o romance *Quincas Borba* (1892).

Uma das possibilidades de responder a tal questão passaria pelo fato de que o autor possuía epilepsia; há quem tente estabelecer uma relação entre a enfermidade e a sua obra, como é o caso de Lopes (1974). No entanto, para Walter Melo, “a obra machadiana não se presta a qualquer análise que tente verificar características da epilepsia em sua literatura”. (MELO et al., 2010, p. 77).

Seja por interesse pessoal ou de escritor sempre atento aos acontecimentos, daqueles corriqueiros e cotidianos, objeto de interesse do cronista, aos grandes acontecimentos sociais e políticos, o fato é que Machado de Assis escrevia para importantes periódicos da época e, certamente, contribuiu para que as questões que levantava de alguma forma atingissem o público. O conto *O alienista*, por exemplo, foi

todo publicado em forma de folhetins, e só depois transformado em livro. E este se tornou uma das suas obras mais lidas e, até hoje, é uma referência fundamental para discussão sobre o paradigma científico e as fronteiras entre a loucura e a razão.

Numa passagem bastante significativa, o alienista revela seu enorme fascínio pela descoberta da razão:

Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquem os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia (ASSIS, 1981, p. 20).

A “pérola” a que se referia o dr. Simão Bacamarte ainda é a mesma buscada pelos cientistas e psiquiatras, na atualidade. O tão idealizado *remédio universal* que levaria o alienista a *prestar um bom serviço à humanidade* ainda não foi encontrado, embora o mercado esteja sempre anunciando a sua descoberta. Nas últimas décadas, a indústria farmacêutica tem lançado inúmeros medicamentos, especialmente psicotrópicos. Houve uma época em que se acreditava ter sido encontrada a cura para a esquizofrenia. Mas o tão divulgado “remédio universal”, mais uma vez, falhou. E poder-se-ia indagar se um dia tal remédio será encontrado, já que se está a falar de algo tão complexo, subjetivo e que diz respeito a várias dimensões da existência (cultura, sociedade, relações interpessoais, instituições etc.).

A preocupação de Machado de Assis com questões relacionadas à subjetividade, ao comportamento, às paixões e à ciência levanta a hipótese de que estaria atento às macro transformações de sua época. À superação de um Estado arcaico e monárquico (sob o domínio do soberano e do poder divino), para um Estado regido agora pelo protagonismo do homem, sujeito da história, ator responsável pela construção dos governos e das leis, e fundamentado pela ciência, que ele também constituiu como o novo paradigma da verdade. Nos parece imediatismo atribuir à doença de Machado de Assis o seu interesse em escrever sobre tais assuntos e não reconhecer que ele estava atento às mudanças e conseguia abordar tais questões de forma crítica e peculiar, na sua produção literária. Aqui é oportuna a compreensão de Maffesoli (2006, p. 81), para quem “o criador [...] só é criador na medida em que consegue captar o que circula na sociedade”.

Na crônica sobre uma exposição dos trabalhos realizados pelos internos do Hospício, Machado de Assis demonstra um encantamento e, ao mesmo tempo, perplexidade, pelas obras produzidas pelos *pobres doidos*. Através de tais obras, ele

parece ter conseguido ver nos alienados algum fio de razão; onde antes era só insânia, agora há também capacidade criativa. O que certamente pode ter contribuído para mudar o imaginário social de que loucura seria sempre sinônimo de ausência de obra. Na outra crônica, que aborda a fuga dos doidos do hospício, o autor parece ter perdido a confiança no seu senso comum, de que seria possível, sem conceitos e ciências, discernir normalidade de loucura. Tal fuga, como ele próprio descreve, o “fez perder uma das escoras da minha alma.” (ASSIS, 2010a, p. 311). Agora, era a ciência quem definiria quem seria um homem de juízo, um homem de razão e um louco.

Por outro lado, o entendimento de que nos indivíduos que se encontram em um estado diagnosticado de loucura, com a perda da razão, não haveria lugar para a inteligência, cai por terra ao perceber a estratégia de fuga. Machado de Assis faz uma curiosa exaltação à forma como os internos a arquitetaram:

O cálculo, o raciocínio, a arte com que procederam os conspiradores da fuga, foram de tal ordem, que diminuiu em grande parte a vantagem de ter juízo. O ajuste foi perfeito. (...) Francamente, tenho lido, ouvido e suportado coisas muito menos lúcidas (ASSIS, 2010a, p. 313).

O que antes era uma certeza, agora já não é mais; ou seja, o juízo “[...] passou a ser uma probabilidade, uma eventualidade, uma hipótese.” (ASSIS, 2010a, p. 313). Era praticamente inimaginável que os loucos fossem capazes de arquitetar uma fuga tão inteligente. Esta crônica de Machado de Assis remete à de Olavo Bilac, *Tem a palavra Fantasio* em que Erasmo de Rotterdam afirma acreditar na inteligência e sensatez dos loucos e achar que um dia eles irão governar o país. É possível notar, em um dos fragmentos, a associação entre loucura e genialidade:

O mundo inteiro está perdido. Guerras, injustiças, motins, fome e desordens. Ora, enquanto, cá por fora, os homens são se desmandam e arrepelam, que fazem os loucos? Os loucos, dentro dos manicômios, preparam a salvação do mundo, à espera da hora em que lhes seja confiado o governo das nações. Não ria, senhor Fantasio! não ria! Lombroso já provou que todos os grandes homens são mais ou menos malucos. (BILAC, 2010c, p. 320).

É interessante observar que mesmo o personagem sr. Fantasio apresentando uma enorme perplexidade diante dos comentários do homem que se apresentava como o autor de *Elogio à loucura*, o obedeceu e foi para as folhas escrever a favor do aumento do valor das diárias para os internos do hospício. E esta crônica, assinada

por Olavo Bilac, *foi parar* na *Gazeta de Notícias*, um jornal semanal e de ampla circulação. Paradoxalmente, mesmo inclinado ao positivismo, o autor vê na loucura esta genialidade, esta aura apresentada por Erasmo, que percebe além dos fatos, das evidências, ou seja: além daquilo que a ciência apresenta como verdade.

O encantamento de Olavo Bilac pela ciência pode ser visto em suas crônicas sobre as visitas ao Hospício Nacional de Alienados. Referindo-se às reformas realizadas nesta “Casa de Torturas” ou “Penitenciária de Loucos”, como ele mesmo denomina, o que aconteceu na sua avaliação não foram apenas mudanças materiais, “foi também, e principalmente, uma instituição moral, que não existia.” (BILAC, 2010b, p. 337). Ou seja, se a loucura é um distúrbio da razão e das paixões, o mais adequado seria o *tratamento moral* adotado, até então, pelo médico Teixeira Brandão. Mas, para alguns autores, a gestão de Juliano Moreira promoveu uma ruptura com a forma de tratamento proposta por Pinel, como é o caso de Portocarrero (2002), conforme já mencionado.

Lima Barreto, esteve internado durante a gestão de Juliano Moreira e pôde ver de perto muitas das questões discutidas neste artigo. Várias são as passagens do seu diário que fazem críticas à forma do tratamento adotado. Estas críticas estão relacionadas aos princípios do *tratamento moral*, ao ingresso na instituição, ao período da internação, entre outras. Uma delas se refere à grande admiração dos jovens médicos pelos conhecimentos vindos de fora, assimilados sem qualquer questionamento:

De resto, é bem sabido que os especialistas, sobretudo de países satélites, como o nosso, são meros repetidores de asserções das notabilidades europeias, dispensando-se do dever mental de examinar a certeza das suas teorias, princípios etc., mesmo quando versam sobre fatos ou fenômenos que os cercam aqui, dia e noite, fazendo falta, por completo, aos seus colegas da estranja. Abdicam do direito de crítica, de exame, de livre-exame; e é como se voltássemos ao regímen da autoridade (BARRETO, 1993b, p. 110-111).

Todo o diário e o romance que Lima Barreto escreveu durante a sua internação são repletos de críticas que resultam de um olhar de paciente, submetido aos tratamentos tradicionais e inovadores da sua época, mas também fruto de um olhar de escritor, atento, assim como Machado de Assis, aos fatos sociais e políticos do seu tempo. Uma das suas críticas que merece destaque é a que está relacionada ao diagnóstico. Ela tem sido alvo de muitas discussões na atualidade e serve como

exemplo de que pouco ou nada se sabe sobre a questão da loucura ou do transtorno mental:

Faziam-me perguntas de confessor, e eu as respondia com toda a veracidade de catecúmeno obediente; mas, no meu íntimo, eu tinha para mim que tudo aquilo era inútil. Há uma classificação, segundo este ou aquele; há uma terminologia sábia; há descrições argutas de tais e quais casos, revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura, mecânica, científica, atribuída a falta ou desarranjo de tal ou qual elemento ou órgão da nossa natureza, parece que só há para raros casos, se há (BARRETO, 1993a, p. 173).

A analogia que Lima Barreto faz entre a entrevista psiquiátrica e a tradição da confissão cristã que visa ao reconhecimento da culpa e do pecado, remete à Foucault, em *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Nesta o autor desenvolve a ideia de como o homem ocidental se tornou um ser confidente. Tal cultura foi construída devido à inquestionável contribuição das práticas confessionais religiosas, que se incorporaram fortemente aos métodos de *tratamento moral* e, posteriormente, à psicanálise. A psiquiatria, assim como a psicologia e a psicanálise, utiliza as práticas confessionais cristãs como *dispositivo* para extrair a verdade da loucura e visam o desejo sexual como objeto de normalização e controle (FOUCAULT, 1984).

Em *Como o homem chegou*, a questão do comportamento do personagem Fernando, considerado louco, surge como elemento fundamental para discussão sobre o que é normalidade, o que é loucura ou mesmo excentricidade. Escrito seis anos antes de *Diário do Hospício*, parece antecipar o que aconteceria com o próprio Lima Barreto: a ruptura com a vida, o carro-forte e a morte subjetiva – no caso do personagem, a morte física também. Enfim, trata-se de um conto que possibilita inúmeras reflexões sobre a instituição psiquiátrica, os limites da intervenção do Estado e da ciência na vida das pessoas e no cotidiano da vida social e a violência que os saberes e poderes institucionais autorizam e exercitam.

Como proposto nos objetivos deste artigo, o recurso à literatura, seja ela mais ficcional, como nos contos, ou fundamentada em dados reais, como nas crônicas, oferece uma enorme riqueza no sentido de refletir sobre o imaginário social de uma época. Os significados transmitidos ou produzidos nos trabalhos então analisados revelam uma grande pluralidade de concepções sobre as questões relacionadas à loucura, à periculosidade, à normalidade, à medicalização, ao saber médico, aos

limites e fronteiras das ciências, à institucionalização, enfim, a uma gama complexa de imaginários que são percebidos ou produzidos na literatura.

Provavelmente, se em outra análise forem utilizados como referências os mesmos textos desta pesquisa, ainda que com o mesmo propósito, verificar-se-á que eles já não produzirão os mesmos sentidos. Por que mudam seus significados? Será porque mudam as formas de produzir perguntas e obter respostas? Em que sentido esses textos transformam nossos imaginários? O certo é que sempre existirão novas questões!

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Sobre a fuga dos doidos do Hospício Nacional de Alienados, 1895. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010a. p.311-316.
- _____. Sobre uma exposição dos trabalhos realizados pelos internos do Hospício Nacional de Alienados, 1895. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010b. p.307-311.
- _____. *O alienista*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- BARRETO, A. H. L. Cemitério dos vivos. In: _____. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Divisão de Editoração C/DGDI, 1993a.
- _____. Como o homem chegou. In: COSTA, F. M. (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 334-351.
- _____. Diário do Hospício. In: _____. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Divisão de Editoração C/DGDI, 1993b.
- _____. Lima Barreto no Hospício: uma interessante palestra com o notável romancista: o seu novo livro será um estudo sobre loucos e suas manias. In: _____. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993c.
- BARROS, E. P. A sociologia romântica e o imaginário na obra de Michel Maffesoli. *Educere et Educare – revista de Educação*, Cascavel, v. 8, n. 16, p. 321-328, jul./dez. 2013.
- BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

- BILAC, Olavo. No Hospício Nacional (Uma visita à seção de crianças), 1905. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010a. p.322-335.
- _____. Sobre as reformas do Hospício Nacional de Alienados, 1905. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010b. p.335-340.
- _____. Tem a palavra Fantasio, 1899. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010c. p.317-321.
- BOSI, Alfredo. Cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 11-37.
- BRANDÃO, J. C. T. *Os alienados no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1886.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CASTEL, Robert. *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- EWALD, Ariane. P. (Org.). *Subjetividade e Literatura: harmonias e contrastes na interpretação da vida*. Rio de Janeiro: NAU, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- LOPES, Leme José. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- MAFFESOLI, Michel. Comunidade e destino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006.
- _____. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.
- _____. Pesquisa como conhecimento compartilhado. Entrevista a Gilberto Icle. *Educere et Educare Revista de Educação*, Cascavel, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011.

MASSI, Augusto; MOURA, Murilo Marcondes de. *Lima Barreto. Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. Prefácio Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MELO, Walter. As fronteiras da razão e da loucura na obra de Machado de Assis. In: _____ (Org.). *Quando acabar o maluco sou eu*. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2010. p. 63-80.

NÓBREGA, Juliana Fernandes et al. A sociologia compreensiva de Michel Maffesoli: implicações para a pesquisa em enfermagem. *Cogitare Enferm*, Curitiba, n. 17, n. 2, p. 373-376, abril/jun. 2012.

PINEL, Philippe. *Tratado medico-filosófico de la enajenación mental o la manía*. Coleccion Classicos de la Psiquiatria. Ediciones Nieva: Madrid, 1988 [1801].

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura*. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.